

# Festas juninas celebram a fartura no campo pelo Brasil

SÃO PAULO  
Agência Estado

Comida típica, fogueira, quadrilha e fogos de artifício são alguns dos elementos tradicionais das festas juninas que podem ser encontrados em diversas partes do país. Seja em um grande evento na cidade, uma quermesse no salão da igreja ou um arraial da família, eles estão comumente presentes nos festejos do mês de junho, que têm raiz histórica nos rituais de celebração das colheitas. A festa milenar, no entanto, foi se transformando ao longo dos anos, mas se manteve como uma manifestação cultural da relação do homem com o campo.

"A festa junina é enraizada na cultura brasileira, que tem o alimento como um importante elemento de identidade", aponta a historiadora Eliane Morelli Abrahão, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ela destaca que muitas das quermesses, por exemplo, não estão mais associadas aos santos católicos, mas, sim, à comida. "É uma festa muito associada ao alimento, que acaba sendo o signo da memória coletiva. As comidas típicas significam essa memória coletiva do nosso povo", disse.

Professora de tradições populares do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Ceará (IFCE), Lourdes Macena aponta que as manifestações culturais assumem características próprias em cada região. "Muitas músicas e escritos falam do quentão, no entanto, a gente não toma essa bebida aqui [no Ceará, toma aluá], exemplificou.

De acordo com Eliane, as comemorações juninas remontam ao século 12 e têm origem nas festas pagãs. "Esses povos da Antiguidade já acreditavam que a celebração à deusa Juno, que era considerada a protetora do casamento, do parto e da mulher, proporcionaria fartas colheitas", apontou. A Igreja Católica, no entanto, não via com bons olhos essas festas popu-



Os pássaros juninos estão entre as manifestações culturais do período genuinamente paraenses



As quadrilhas estão presentes em quase todo o Brasil. A Vaca Velha de São Caetano voltou em 2015.



lares e começou um processo de incorporação dos festejos, vinculando-os ao calendário litúrgico. "É o período do solstício de verão na Europa, então está muito ligado com a questão da plantação e das colheitas".

## RELIGIÃO

No Brasil, o festejo junino está novamente associado a um processo de incorporação pela Igreja. "Os colonizadores portugueses e os padres jesuítas quando chegaram aqui se depararam com as tradições indígenas de preparação do solo para o plantio, que também tinham

como intuito essa safra abundante. Os índios também já tinham esse costume de fazer as festas nesse período", explica a historiadora. A festa indígena vai intercambiando para a festa cristã em torno, especialmente, da figura de São João Batista.

A professora Lourdes Macena explica algumas diferenças regionais dos festejos juninos. No Nordeste, por exemplo, as raízes são bem exploradas nas comidas típicas. "A batata, amacaxeira, o inhame, a gente usa muito. Comemos cozido, assado na fogueira", exemplificou.

Há ainda diferenças de nome entre os preparos do milho, que

é a base da culinária junina. A canjica no Nordeste é o curau no Sudeste. E a canjica no Sudeste é o mungunzá nos estados nordestinos. Há também a pamoinha, que pode ser doce ou salgada e é facilmente encontrada em praticamente todo o Brasil.

Já no Maranhão, apesar de se encontrar as quadrilhas, o forte é a brincadeira do boi. "Eles têm vários sotaques [forma própria de expressão de uma mesma manifestação cultural]. Os sotaques de matraca, sotaque de zambumba, sotaque da ilha, que são formas diferenciadas de fazer musicalmente a brincadeira do boi com diversos

personagens também que se distinguem no Maranhão", explicou Lourdes.

No Amazonas, a grande festa de Parintins ocorre entre os bois Caprichoso e Garantido. "Lá o que seria a brincadeira do boi passa a ser uma festa única, a festa junina em si é em volta do boi", apontou a professora de tradições culturais. A festa ocorre no último fim de semana de junho. Em Manaus, as cirandas são um destaque dos festejos.

## PARÁ

No Pará, que também tem forte presença nordestina,

acaba havendo uma fusão das tradições amazônicas com as quadrilhas, bois bumbás, como são chamados na região e outras brincadeiras.

O "boi de máscaras" que existe em São Caetano de Odivelas desde a década de 1930, foi criado por pescadores que, para não serem reconhecidos, utilizavam as máscaras como disfarce. Na década de 1980 surgiu a Vaca Velha, uma nova versão da brincadeira que, no entanto, chegou a ficar esquecida por um tempo e foi retomada em 2015. Este ano foi realizada uma intensa programação em torno da "Vaca Velha" no dia 10 de junho. A festa terá, ainda, uma espécie de cortejo de barco de São Caetano de Odivelas até a localidade de Pererú de Fátima, onde a Vaca Velha foi confeccionada, com direito à recepção no porto, com o quebra Pipirinha, pierrôs, cabeçudos, buchudos e população local.

Outra manifestação genuinamente paraense são os Cordões de Pássaros, que reúnem nas apresentações diversas linguagens artísticas, usando elementos que exaltam a natureza. É possível ver de perto esta manifestação durante este mês na programação do Arraial de Todos os Santos, da Fundação Cultural do Pará, que tem a mostra dos Pássaros Juninos. Grupos de diversos bairros de Belém e também do interior do Estado traduzem com genialidade toda a riqueza dessa cultura popular. As apresentações ocorrem diariamente no Margarida Schivasappa.

Os Cordões de Pássaros formam uma verdadeira ópera popular, com personagens que remetem a uma viagem ao interior da floresta. O comediante, compositor que escreve o enredo, é quem usa toda a veia criativa para colocar no papel o que ganhará vida nos palcos. Entre eles está Raimundo Nogueira, comediante há mais de 30 anos. "Meus avós, meus pais, meus tios, enfim, toda a família é envolvida com a cultura dos pássaros".